

História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)

Bruna Morrana dos Santos

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

Aracaju – Sergipe

PALAVRAS-CHAVE: Riqueza; Sociedade; Aracaju; Século XIX.

WEALTH AND SOCIETY IN THE ARACAJU COUNTY: A STUDY ON A SOCIAL DYNAMICS OF THE FIRST ARACAJUANA ELITE (1855-1889)

RESUMO: No início do Segundo Reinado, a Província de Sergipe mantinha uma estrutura social sustentada, sobretudo, pela agroindústria açucareira. Visando manter posições sociais e ampliar seu patrimônio, as famílias da elite sergipana estreitavam os laços de solidariedade através dos sacramentos católicos do batismo e do matrimônio. Assim, este trabalho contempla o estudo das trajetórias individuais e das estratégias sociais, econômicas e políticas utilizadas pelos agentes deste reduzido grupo para manter ou aumentar a sua posição social em Aracaju, nosso marco espacial. A pesquisa abrange grande parte da segunda metade do século XIX, pois inicia-se com a transferência da capital da província oficializada em 17 de março de 1855 durante a presidência de Inácio Joaquim Barbosa, e termina em 1889, ano em que houve a queda da monarquia. A análise de variadas fontes como inventários, testamentos, jornais e registros paroquiais, possibilitou o acompanhamento de trajetórias individuais e o reconhecimento das redes de relações existentes na sociedade, além de determinar o nível de riqueza do grupo social dominante.

ABSTRACT: At the beginning of the Second Reign, a Province of Sergipe maintained a social structure sustained, above all, by the sugar industry. The Sergipe mission of the Sergipe elite strengthened ties of solidarity through the Catholic sacraments of baptism and marriage. Thus, this work includes the study of individual trips and social promotions, promotions and work requests to reduce the number of participants and increase their social position in Aracaju, our space frame. On March 18, 1855, during the government of Inacio Joaquim Barbosa, it ended in 1889, the year in which the monarchy fell. The analysis of variables such as inventories, testaments, newspapers and parochial records allowed the monitoring of individual trajectories and the recognition of networks of relationships in society, as well as determining the level of wealth of the dominant social group.

KEYWORDS: Wealth; Society; Aracaju; XIX Century.

1 | INTRODUÇÃO

A partir de meados do século XIX, as profundas transformações que provocaram o desenvolvimento da sociedade urbano-industrial europeia estavam ligadas aos avanços da Primeira Revolução Industrial, como o aceleração dos transportes e das comunicações, o aperfeiçoamento da máquina a vapor, a mecanização da indústria e da agricultura, dentre outros. Foi durante o chamado Gabinete de Conciliação que o Brasil se integrou a esta economia capitalista em ascensão, vivenciou uma fase de modernização e de desenvolvimento da urbanização que propiciou o aparecimento de diferentes camadas urbanas. Caio Prado Júnior (1994) assegurou que esse foi o momento de maior transformação econômica da história do Brasil. Porém, ao longo do Segundo Reinado, a economia brasileira foi dependente do capital externo (em especial o inglês), principalmente por causa dos empréstimos tomados pelo Estado junto a casas bancárias deste país para a realização de empreendimentos como estradas de ferro, obras urbanas, etc.

Em nível local, a população da província sergipana caracterizava-se pela presença considerável de escravos, trazidos para trabalhar primordialmente nos pequenos engenhos de açúcar instalados nas terras férteis de massapê. Em 1850, ano da promulgação da Lei Eusébio de Queiroz que proibiu o tráfico de negros escravos para o Brasil, eles representavam 25% da população sergipana. De acordo com o primeiro recenseamento feito pelo governo imperial em meados de 1854, o número de escravos da província era de 32.448 indivíduos (DANTAS, 1980, p. 21). Até então, a província sergipana continuava com uma estrutura social sustentada na monocultura, em que a riqueza estava concentrada nas mãos de quem possuía terras e escravos.

Nesse contexto, oficializou-se através da Resolução de 17 de março de 1855, a mudança da capital da província da cidade de São Cristóvão para a recém-criada Aracaju. Como era típico dos primeiros anos de consolidação da nova capital, quase a totalidade das pessoas abastadas ou prestigiadas (pois, riqueza não implica prestígio e vice-versa), que migraram para a nova capital, não nasceram em Aracaju. Mesmo que esta cidade estivesse aquém de outros centros urbanos como Laranjeiras e Maruim, é evidente que houve um interesse dessas pessoas, seja econômico ou político, em migrar para a Aracaju, que estava se formando. Nas palavras de Maria da Glória Santana de Almeida, aos poucos Aracaju passou a abrigar:

[...] os mais importantes prédios públicos, a rua do comércio, a praça dos comícios e das retretas as oficinas de objetos e as lojas de comércio. Fábricas de fundição de ferro, de sabão, de tecidos. Lojas atacadistas. Templos. (ALMEIDA, 1984, p. 225)

Grosso modo, o objetivo central é estudar a composição social e econômica da elite da Comarca de Aracaju e as suas estratégias de reprodução da riqueza. Para isso, foram escolhidos alguns inventariados que viveram em Aracaju entre 1855 e 1889.

Além de fazerem parte da “nova elite” que se formou em Aracaju, estes personagens moravam na área mais nobre da cidade, o quadrado de Pirro (projeto urbanístico da cidade desenvolvido pelo engenheiro Sebastião Pirro), e estavam inseridos num universo de sociabilidade através das relações de parentesco (consanguíneo ou por afinidade), vizinhança, vínculos de amizade, sistema de herança e das estratégias matrimoniais.

A denominação “nova elite” refere-se a um grupo de pessoas detentoras de capital econômico e simbólico, que não eram ligadas exclusivamente à grande lavoura, mas ao comércio e ao funcionalismo público, por exemplo. Em outras palavras, neste trabalho, enxergamos a “elite” a partir do subsídio dado pela teoria de Pierre Bourdieu no que diz respeito à definição de classe social, pois segundo ele, quando se reduz o campo social unicamente ao campo econômico, desconsidera-se a existência das demais formas de capital que estão presentes na sociedade: capital político, capital cultural, capital simbólico, etc. Nessa lógica, na obra “*A Distinção: crítica social do julgamento*” (2008), o francês expõe a sua definição de classe, que foi construída com base nas contribuições de Max Weber e Karl Marx:

A classe social não é definida por uma propriedade (mesmo que se tratasse da mais determinante, tal como o volume e a estrutura do capital), nem por uma soma de propriedades (sexo, idade, origem social ou étnica – por exemplo, parcela de brancos e de negros, de indígenas e de imigrantes, etc. -, remunerações, nível de instrução, etc.), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental – a posição nas relações de produção -, em uma relação de causa a efeito, de condicionante a condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas. (BOURDIEU, 2008, p. 101)

Outro conceito fundamental de Pierre Bourdieu é o de estratégias de reprodução que podem ser definidas como “conjunto de práticas, do ponto de vista fenomenológico, bastante diferentes pelas quais os indivíduos ou as famílias tentem inconscientemente, a conservar ou aumentar o seu patrimônio [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 122). No entanto, tais estratégias dependem do volume e estrutura do capital a ser reproduzido. Por isso, as famílias da elite estreitavam os laços de solidariedade através dos batismos e casamentos sancionados pela Igreja Católica.

Para traçar a trajetória socioeconômica dos indivíduos e entender como e com quem eles se relacionavam socialmente, realizou-se o cruzamento de diversos tipos de documentos, como inventários, testamentos, fontes paroquiais (assentos de batismo, casamento e óbito) da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju salvaguardadas pelo site *Family Search*, jornais e relatórios de presidentes de província.

Além disso, a fim de realizar o estudo sobre a “nova elite” aracajuana, empregou-se a metodologia de pesquisa prosopográfica, que têm sido uma das mais importantes ferramentas utilizadas pelos historiadores sociais. De acordo com a definição dada por

Lawrence Stone, a prosopografia é “a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas.” (STONE, 2011, p. 115). Neste método histórico, o interesse maior está no grupo e por isso, diversas informações sobre os indivíduos (nascimento e morte, casamento e família, origens sociais, educação, riqueza pessoal, etc.) são combinadas e examinadas para que seja possível encontrar variáveis significativas.

2 I “COM A BÊNÇÃO DE DEUS E DE NOSSOS PAIS...”: A DINÂMICA FAMILIAR DA PRIMEIRA ELITE DE ARACAJU NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Um dos personagens que se destacou durante os primeiros momentos da nova capital, foi o negociante José Teixeira da Cunha. Filho legítimo de José Teixeira da Cunha e Dona Josepha de São José da Silveira, nasceu na cidade de Angra (Trata-se de Angra do Heroísmo, localizada no arquipélago dos Açores) em Portugal, no início do século XIX (aproximadamente em 1802 ou 1803). Foi batizado na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Clerigos, na mesma cidade de Angra. Em seu testamento, Cunha relatou como e quando foi a sua chegada ao Brasil:

Declaro que vim como já dice, este Imperio do Brazil, tendo desenove para vinte anos de idade, no anno de mil oito centos e vinte e dois, para a Companhia de meu Irmão Joaquim Pereira da Cunha, que então se achava na cidade da Bahia, mas que faleceu na cidade de Estancia desta Provincia de Sergipe d'ElRei. (Inventário de José Teixeira da Cunha, AGJES, Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 2323, nº 222, p. 204)

Em 1855, ano da mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, José Teixeira da Cunha já possuía uma casa de palha na Rua da Aurora, considerada o coração da cidade. Ter uma casa naquela rua era um privilégio desfrutado apenas pelos mais abastados como José Teixeira da Cunha, homem de posses e que tinha muitos negócios na nova capital da província. Talvez pela sua posição destacada de comerciante e oficial da Guarda Nacional, José Teixeira da Cunha tenha sido escolhido algumas vezes para batizar crianças. Num primeiro exemplo, temos o batismo de Maria, filha legítima de Dionísio Pereira Rabello e Maria Violante Carneiro de Leão, em 31 de julho de 1859 na Matriz de São Salvador do Aracajú:

Aos trinta e um dias do mez de Julho do anno de mil oitocentos e cincoenta e nove nesta Matriz de São Salvador da Cidade de Aracajú o Reverendo Vigario Elizario Vieira Muniz Telles Baptizou e pôs os Santos oleos á Maria, branca com idade de dois mezes, filha legitima do Capitão Dionizio Pereira Rabello, e Dona Maria Violante Carneiro Leão, forão Padrinhos o Capitão Jozé Teixeira da Cunha, e Dona Jozefina Le Roi: do que para constar mandei fazer este assento, em que me assigno: Nada mais se continha no referido assento, que finalmente copiei, e me assigno. (Inventário de José Teixeira da Cunha, AGJES, Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 2323, nº 222, p. 204)

A partir de então, estava firmado o laço entre José Teixeira da Cunha e o também Capitão Dionísio Pereira Rabello, que na época do batismo atuava como oficial da Secretaria da Tesouraria Provincial. Como nesse período não existia registro civil no Brasil, o batismo representava uma espécie de certidão de nascimento da criança.

Já viúvo, José Teixeira passou os últimos momentos de vida em Laranjeiras na sua casa localizada à rua direita do comércio. Falecido em 11 de novembro de 1861, deixou registrado no testamento que uma de suas últimas vontades era a doação da quantia de cinquenta mil réis para suas afilhadas e vinte cinco mil réis para os afilhados, desde que apresentassem antes da partilha dos bens, a certidão que comprovasse o apadrinhamento. Desse modo, o seu compadre Dionísio Pereira Rabello, visando a garantia do valor deixado para a sua filha, entrou com uma petição destinada ao Juiz municipal de Órfãos em fevereiro de 1862:

Diz Dionizio Pereira Rabello, que tendo o finado Capitão José Teixeira da Cunha em uma das verbas de suas disposições testamentarias deixado a quantia de cincoenta mil reis a cada uma de suas afilhadas, que se mostrasse competentemente habilitada com certidão de Baptismo em cujo numero se acha Maria da Solidade Rabello Leite, filha legítima do Spp^e., como prova com a Certidão junta requer a VS^a que se sirva por seo respeitavel despacho mandar juntar aos autos de Inventario que se está procedendo pa este juizo dos bens deixados pelo dito finado a fim de na partilha ser contemplada a dita sua filha nestes tr^o (Inventário de José Teixeira da Cunha, AGJES, Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 2323, nº 222, p. 202, 17/12/1861)

Algum tempo depois, em agosto de 1862, Francisco Pereira Novais, genro de José Teixeira da Cunha, também solicitou a parte da sua filha Silvana, que além de neta, foi batizada pelo capitão no ano de 1855. Um fato que não deve ser desprezado é que esse batismo foi realizado na paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, localizada no centro da vida comercial da cidade de Salvador:

Aos vinte oito de janeiro de mil oito centos e cincoenta e cinco baptisei solenimment^e e pus os Santos Oleos a Silvana, branca, nascida a quatorze de Dezembro pp, filha legitima de Francisco Pereira Novaes, e D. Maria Teixeira da Cunha: forão padr.^{os} Jose Teixeira da Cunha, viúvo, d'esta Freg.^a, e pos a corôa de N. Snr Nicolão Teixeira da Cunha, soltr.^o da Freg.^a do Coração de [?] das Laranjeiras: do q' m^{dei} faser este assento, que assignei Conego Francisco Per.^a de Sousa, Vigr^o Coll^o. (Inventário de José Teixeira da Cunha, AGJES, Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 2323, nº 222, p. 126)

Assim como os casos citados anteriormente, vários outros representantes de afilhados (as) do capitão apresentaram certidões que comprovaram o laço estabelecido na pia batismal. A partir dessas informações contidas no testamento de José Teixeira da Cunha, podemos identificar os lugares por onde ele passava e mantinha relações. De acordo com o inventário, entre os bens do capitão estavam: móveis (cômoda de jacarandá, mesa de jantar, cadeiras), oratório, portadas de madeira branca, tijolos, esteios de aroeira, porção de pedra de alvenaria, dois escravos, e bens de raiz (terrenos e casas em Aracaju e Laranjeiras). Todos os bens avaliados correspondem

ao monte-mor de setenta e dois contos setecentos e vinte cinco mil e setenta e um réis (72:725\$071). Subtraindo os custos e as dívidas (9:869\$317), o valor líquido partilhável foi de sessenta e dois contos oitocentos e cinquenta e cinco mil setecentos e cinquenta e quatro réis (62:855\$754).

Merece destaque também, o caso dos irmãos e negociantes José Rodrigues Bastos Coelho e Francisco Xavier Bastos Coelho, que num período de dez anos, mais especificamente entre 1864 e 1874, batizaram 66 (2,93%) crianças. Francisco Xavier Bastos Coelho casou-se com Maria Victoria do Sacramento, em 17 de setembro de 1865, na Capela de Santo Antônio do Aracaju (Banco de dados Family Search, Casamentos (1864-1883). Livro 2. São Salvador. Aracaju, Sergipe, nº 48, p. 7). Foram testemunhas do casamento o tenente-coronel Luiz Freire da Trindade Ludovice, dono de um sobrado e marido de D. Joanna Freire Ludovice, e o Comandante Superior da Guarda Nacional e Oficial da Ordem da Rosa, Paulo Freire de Mesquita Barreto, ambos moradores da Vila do Socorro. Desta união nasceram quatro filhos: Josefina, Antônio Coelho de Sousa, José e Pedro Xavier Coelho. Das 16 (0,70%) crianças que Francisco Xavier levou à pia batismal, 8 ele batizou sozinho e 3 delas, todas legítimas, foram batizadas junto com a esposa.

Francisco e Maria Victoria moravam na Rua de Santo Amaro e, além desta residência, o negociante possuía também uma casa comercial na Rua da Aurora (Jornal do Aracaju, 26 de setembro de 1874, Edição nº 521, p. 4). O casal escolheu bem os pais espirituais da sua prole e, apesar de terem tido 4 filhos, encontramos os registros de batismo de apenas 3 deles. Josefina, branca, foi batizada em perigo de vida no dia 29 de julho de 1866, pelo Cônego Agostinho Rodrigues Braga, que era tio da mãe da criança, e por Josefina Leroy Salles (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 355, pp. 32-33). Pelo que se constatou, Josefina morreu aos 03 anos e 05 meses vítima de doença maligna (Banco de dados Family Search, Óbitos (1864-1872). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº, 885, p. 90), mas teve como padrinhos pessoas influentes, visto que, além de sacerdote, o Cônego Agostinho Braga também era político e a madame Josefina Leroy, comerciante.

Já o padrinho do menino Antônio, branco, batizado em 1868, foi Domingos de Oliveira Santos, abastado comerciante (Banco de dados Family Search, Batismos (1864 1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 801, p. 86). Domingos, que era casado com Rosa Policiana de Oliveira Santos, morava num sobrado na cidade de Laranjeiras, onde era dono de um armazém. Além disso, era proprietário de imóveis na cidade de Maruim e na Rua da Aurora, em Aracaju. Podemos supor que esta escolha para padrinho foi influenciada por causa dos negócios comerciais que ele deveria ter com o pai da criança.

Ao mesmo tempo, objetivando manter a coesão familiar, os irmãos negociantes utilizaram-se da estratégia de eleger padrinhos da mesma família para os seus filhos. Por exemplo, em 26 de dezembro de 1869, José, branco, filho de Francisco Xavier e

Maria Victoria, foi batizado aos três meses de idade pelo tio, José Rodrigues Bastos Coelho (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 1116, p. 122). Talvez para prestar alguma homenagem, o menino recebeu o mesmo nome do tio e padrinho. José Rodrigues Bastos Coelho também batizou, no dia 10 de novembro de 1873, outro sobrinho, Pedro, branco, na época com três meses e três dias de idade (Banco de dados Family Search, Batismos (1871-1874). Livro 2. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 2030, p. 83).

2.1 A Trajetória da Família Guerra Fontes

Sem dúvida, a história da família Guerra Fontes confunde-se com a história da nova capital, Aracaju. Esta família formou-se a partir de dois troncos familiares detentores de prestígio durante a primeira metade do século XIX. Um dos cônjuges, Joaquim Martins Fontes, era filho do prestigiado capitão-mor das Ordenanças da Vila do Lagarto Joaquim Martins Fontes com Ana Joaquina Portela. Joaquim Martins Fontes Junior, natural da Vila do Lagarto, nasceu aproximadamente em 1823 e seguiu a mesma trajetória do seu pai, pois tornou-se militar.

A noiva escolhida para Joaquim Martins Fontes foi Eufemia Pinheiro Guerra, filha do primeiro consórcio do capitão de mar e guerra José Moreira Guerra com Eufemia Antônia Pinheiro Guerra. A primogênita, Eufemia Guerra, nasceu em 25 de março de 1831 e foi batizada em São Pedro, na Província do Rio Grande do Sul. Seu pai, José Moreira Guerra teve participação ativa na política sergipana, principalmente no processo de mudança da capital, sendo lembrado como um dos braços fortes do presidente Inácio Barbosa.

Apesar de não se ter até o momento a informação precisa de como o casal conheceu-se e nem a data e local do enlace matrimonial de Eufemia e Joaquim, tudo indica que ocorreu em meados da década de 1850, pois encontramos na imprensa local um registro de viagem para a Bahia feita pelo casal juntamente com a sogra, Eufemia Pinheiro Guerra, no ano de 1856. O casamento, enquanto um *investimento* importante, traria benefícios tanto materiais quanto simbólicos. Obviamente, existiu por parte das duas casas envolvidas o interesse nessa união, pois Joaquim Fontes poderia fornecer capital político e ligações possíveis ao futuro sogro, levando em consideração que seu pai teve uma carreira de prestígio no primeiro reinado, além de ter sido proprietário de engenhos e possuir um número considerável de escravos.

Já Eufemia Guerra, levou para esta nova unidade familiar o peso de ser filha de um homem que, além de político, ocupava um dos cargos mais importantes da Província. Uma outra variável importante era o fato de Joaquim Martins Fontes ser letrado, já que isso facilitaria a administração dos bens e, assim, colaboraria com a manutenção da riqueza da família. Além do mais, o matrimônio de Eufemia e Joaquim possibilitaria o convívio entre membros que ocupavam as posições mais valorizadas

socialmente.

Era janeiro de 1866. Numa quinta-feira, 04, na matriz da capital, o mais novo integrante da família Guerra Fontes preparava-se para se tornar um novo membro da cristandade e da comunidade. Joaquim, branco, homônimo do pai e do avô, era o quarto filho da dona de casa Eufemia Guerra e do capitão reformado do Exército Joaquim Martins Fontes Junior. Estes, que já eram pais de Genésio, Cinésio (6 anos) e Manoel (5 anos), escolheram para batizar Joaquim (dez meses) o espanhol Thomaz Diogo Leopoldo Castanhedo e Amelina Martins Fontes (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 293, p. 27). Durante muitos anos, o Dr. Thomaz, formado em medicina pela Faculdade da Bahia, clinicou em Aracaju e foi professor do Atheneu Sergipense.

Aos poucos Aracaju ia se urbanizando e a prole dos Guerra Fontes não parava de crescer. Em 1º de setembro de 1867, Joaquim e Eufemia, que já eram pais de quatro filhos, celebraram o batizado de Elvira Honorina Guerra Fontes, branca, que, com seus poucos nove meses de existência, já estava em perigo de morte (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 584, p. 59). O batismo de Elvira mostra que seus pais também preferiram buscar compadres fora da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju, visto que o seu padrinho foi Manoel Sousa Macieira, da cidade de Maruim, e Marianna Garcez, representada mediante procuração por Marianna Freitas. Felizmente, a menina conseguiu sobreviver e quando adulta foi mais além do que sua mãe e avó materna que já eram alfabetizadas, tornando-se uma das mais distintas educadoras de Aracaju.

Com apenas um mês e vinte dias, foi batizada pelo Vigário Geral José Gonçalves Barroso em oratório particular, no dia 17 de junho de 1869, Maria, branca, a sexta filha do casal. Seus pais espirituais foram o Bacharel Evaristo Ferreira da Veiga e a esposa Francisca Ferreira da Veiga (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 1002, p.109) . Um dia após o batizado, Evaristo Ferreira da Veiga deixou o cargo de Presidente da província, ocupado desde 27 de novembro de 1868. Não restam dúvidas de que Joaquim e Eufemia escolhiam a dedo as pessoas que levaram seus filhos à pia batismal. Mais tarde, Maria, branca, com quatro meses de idade, foi batizada em 20 de agosto de 1869 e teve como padrinho ninguém menos do que Antônio Dias Coelho e Melo, o Barão da Estância:

Aos vinte d'Agosto de mil oitocentos secenta e nove Baptisou solenemente de licença minha o Coadjutor Eusebio Pires d'Almeida na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Aracajú a Maria, branca, natural desta Freguesia, com quatro meses d'idade, filha legitima de Joaquim Martins Fontes, e Eufemia Guerra Fontes: forão Padrinhos o Excellentissimo Barão da Estancia, da Freguesia de Nossa Senhora d'Ajuda d'Itaporanga, e Maria Jovina Alves de Sampaio, desta Freguesia. Para constar faço este que assigno. O Vigario José Luiz d'Azevêdo. (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição.

Em 14 de agosto de 1870, Oscar, branco, foi batizado por Candido do Prado Pinto e Maria do Carmo do Prado Pinto, que na ocasião do batismo moravam em Belém, capital do Pará (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 1289, p.141). No caso desta escolha dos compadres, as relações de vizinhança podem ter pesado bastante, pois, ao que tudo indica, Candido e Joaquim moravam na Rua de São Cristóvão, uma das mais importantes desde os primeiros anos da cidade. Candido, que na condição de negociante usufruía, inclusive, do trabalho de escravos de ganho, possuía um capital econômico superior ao do seu compadre militar.

José, branco, o caçula da família, nasceu em 24 de dezembro de 1874 e foi batizado por estar em perigo de vida no dia 29 de abril de 1876 (Banco de dados Family Search, Batismos (1874-1877). Livro 4. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 2592, pp. 59-60). Seus padrinhos, Dr. Cícero Dantas Martins e Mariana da Costa Pinto Dantas, moravam na Província da Bahia e, por não estarem presentes no dia da celebração do batismo, instituíram por seus procuradores o casal José Martins Fontes e a sua esposa Francisca Xavier Gomes Fontes, da Freguesia de Itabaiana. Além de ser formado em Direito, Cícero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo, foi um dos mais importantes líderes conservadores e fazendeiros do sertão baiano. A mãe de Cícero Dantas Martins, Mariana Francisca da Silveira Dantas, era filha de João Martins Fontes e irmã do capitão-mor Joaquim Martins Fontes. Visando manter a coesão familiar, os Guerra Fontes escolheram parentes consanguíneos como compadres, pois Joaquim Martins Fontes Junior e Cícero Dantas Martins eram primos e netos de João Martins Fontes.

Ao mesmo tempo em que escolheram, Joaquim Martins Fontes e Eufemia Fontes também foram escolhidos para batizar algumas crianças. Eles foram procuradores no batismo de Idalina, branca, filha do Capitão e farmacêutico baiano Marcelino José Jorge e de Cândida Sampaio Jorge, realizado no dia 24 de junho de 1866, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Aracajú (Banco de dados Family Search, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 330, p. 30). Inclusive, na época do seu casamento com Eufemia, Joaquim comprou a mobília da casa onde viria morar o casal ao mesmo Marcelino José Jorge. Eufemia e Joaquim representaram também, José Amâncio do Outeiro e Elisa Aguiar do Outeiro, ambos moradores da província da Bahia. Entre 1864 e 1872, Joaquim Martins Fontes batizou junto com a esposa 4 crianças e, sem a companhia dela, foi padrinho de mais 4.

Joaquim sofreu durante alguns anos com a tuberculose e faleceu na noite de 25 de julho de 1878, aos 55 anos. Como consta em seu registro de óbito, foi sepultado no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição vestido em hábitos militares, já que era capitão reformado do Exército (Banco de dados *Family Search*, Óbitos (1877-

1879). Livro 4. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe, nº 3419, p. 53). Possivelmente, sua morte e tantas outras estavam associadas às condições anti-higiênicas de Aracaju, que sofria com as febres e epidemias. Vale ressaltar que, na segunda metade do século XIX, a província sergipana ainda sofria com a varíola (bexiga), e Aracaju não foi uma exceção. Antonio Samarone de Santana elenca uma série de moléstias que se transformaram em graves problemas de saúde em Sergipe durante o período oitocentista:

As epidemias de febre amarela (typhus d'América), malária (febre palustre), peste bubônica (peste do rato), febres intestinais (tifóide) e a temível cholera morbus eram presenças frequentes. Entre as endemias encontramos os reumatismos, afecções, catarraes, oftalmias, bronquites, disenteria, sarampo, coqueluche e sarna. A tuberculose (peste branca) ainda não era identificada claramente como problema de saúde pública, apesar da elevada taxa de mortalidade. (SANTANA, 1997, p. 68)

Os registros paroquiais mostraram, portanto, que Joaquim Martins Fontes e Eufemia Guerra Fontes priorizaram as alianças horizontais, ou seja, elegeram padrinhos que faziam parte do mesmo grupo de origem e que, além disso, possuíam fortuna e status social igual ou superior ao da família. Sendo o batismo um ato irreversível, criaram e reiteraram alianças com médicos e bacharéis, os elementos brilhantes do século XIX, e com dois grandes latifundiários. Então, já que a família não tinha tanta riqueza, para obter reconhecimento social, eles souberam explorar o que Bourdieu chamou de “capital social”, ou seja, o acesso estratégico dos agentes a círculos sociais de influência e de apoio através da amizade com os grandes políticos, como por exemplo, os Barões que ostentaram títulos nobiliárquicos durante o Império.

A partir das trajetórias aqui apresentadas, percebeu-se que na segunda metade dos oitocentos houve uma diversificação no perfil da elite. O fato é que encontramos nesse grupo social que se consolida em Aracaju e estabelece laços entre si, uma presença considerável de bacharéis, comerciantes, funcionários públicos e militares.

FONTES

Banco de dados

Family Search

Banco de dados **Family Search**, Batismos (1864-1871). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

Banco de dados **Family Search**, Batismos (1871-1874). Livro 2. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

Banco de dados **Family Search**, Batismos (1874-1877). Livro 4. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

Banco de dados **Family Search**, Casamentos (1864-1883). Livro 2. São Salvador. Aracaju, Sergipe.

Banco de dados **Family Search**, Óbitos (1864-1872). Livro 1. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

Banco de dados **Family Search**, Óbitos (1877-1879). Livro 4. Nossa Senhora da Conceição. Aracaju, Sergipe.

ARQUIVO GERAL DO JUDICIÁRIO DE SERGIPE

Inventário de José Teixeira da Cunha, AGJES, Fundo: Aracaju, Cartório do 2º Ofício, cx. 2323, nº 222.

JORNAIS

Jornal do Aracaju, 26 de setembro de 1874, Edição nº 521.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória Santana. **Sergipe**: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

DANTAS, Orlando Vieira. **A vida patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

JÚNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTANA, Antonio Samarone. **As Febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. Aracaju: Núcleo de Ciências Sociais/UFS, 1997 (Dissertação de Mestrado).

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 19, n. 39, 2011, p. 115-137.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

